

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da *Geração de Orpheu*

modernismo.pt

Histórias que um espólio (re)conta

Sara Afonso Ferreira

Artigo publicado no catálogo da exposição Almada por Contar, Biblioteca Nacional de Portugal, 2013.



Histórias que um espólio (re)conta

SARA AFONSO FERREIRA

Discernir, nas histórias que sobre Almada se contam e que Almada conta sobre si próprio, a parte *inventada* da parte que objetivamente o não é, torna-se, à luz do espólio do artista, em curso de inventariação e alvo da presente exposição, uma tarefa possível.

A descoberta do manifesto *Os Bailados Russos em Lisboa* assinado apenas por Almada¹, sem os nomes de Pacheco e Rui Coelho (presentes em todos os exemplares até aqui conhecidos da célebre folha volante, inserida em *Portugal Futurista*), parece confirmar não só a intuição do leitor, que adivinha no texto a única mão de Almada, mas também, o testemunho concedido ao *Diário de Lisboa*, a 4 de maio de 1925, pelo artista:

[L]i no Tavares o primeiro exemplar [de *Os Bailados Russos em Lisboa*] a Rui Coelho e a outro camarada. / Depois da leitura [...] Rui Coelho comentou: / – Mas isso, deixa-me dizer-te, não é correto! / – !!!??? / – Sim, ou bem que há camaradagem, ou bem que a não há! / – !!!??? / – Se tu andasses sozinho estava bem, mas nós andamos sempre juntos os três, portanto o manifesto devia estar assinado pelos três. / – Mas fui eu o autor, arrisquei eu. / A verdade é que saí dali para a tipografia com a ordem de pôr mais duas assinaturas.²

A localização do original castelhano³ que, no segundo número da revista *Sudoeste*, Almada refere como estando na origem das obras *S.O.S. e Deseja-se mulher* – sob o «título geral» de «*El uno*, tragédia de la unidad», ou ainda, “tragédia documental de la colectividad y el individuo”»⁴ – afasta definitivamente a ideia de que «apenas se conhecem os textos portugueses das duas peças, e só uma completa, mais a variação em castelhano *Protagonistas*»⁵. O depoimento de

1 V. n.º 11 do catálogo.

2 «O caso do bailado *Princesa dos sapatos de ferro*. Almada responde à carta de Rui Coelho». *Diário de Lisboa*, (04.05.1925), p. 2.

3 V. n.º 53 do catálogo.

4 José de Almada Negreiros – «Notícia sobre um ato de teatro que a seguir se publica». *Sudoeste: cadernos de Almada Negreiros*, 2 (out. 1935), p. 24.

5 Fernando Cabral Martins – «A cidade mágica portuguesa». In Ramón Gómez de la Serna, José de Almada Negreiros – *Marginálias*. Lisboa: Bedeteca; Assírio & Alvim, 2004, p. 19.

Almada, «Notícia sobre um ato de teatro que a seguir se publica»⁶, torna-se, assim, mais que uma simples expressão de desejo – da «vontade admitida de ter sido autor dramático em Espanha»⁷ – testemunho, mais ou menos fiel, de um projeto concretizado realmente.

Também o manuscrito de *K4 o quadrado azul*, que há bem pouco se conhece⁸, parece contar uma história *outra*, diversa da que mais recentemente se propala. A ideia difundida a partir da exposição *Amadeo de Souza-Cardoso: Diálogo de vanguardas*, de que a «edição gráfica» de *K4* ficaria a «carga» de Amadeo⁹, terá que ser reformulada. Amadeo surge de facto intimamente ligado à fatura do livro – publicado, segundo a imprensa, em março de 1917:

Acaba de aparecer, em vistosa e bizarra edição, o opúsculo do sr. José de Almada Negreiros, «poeta sensacionista e o Narciso do Egitto», em seu próprio dizer. / A obra, dedicada ao pintor abstracionista Amadeo de Souza-Cardoso, vem datada de Lisboa 1917, apresentando-se como «Europa modelo 1920».¹⁰

O folheto *Litoral*, publicado por Almada em torno de dezembro de 1916, anuncia a «colaboração extraordinária» de Amadeo em *K4*¹¹. Na capa do impresso original o pintor é apresentado como coeditor¹². E uma carta de Almada a Amadeo, datada de 4 de janeiro de 1917, escrita durante a convalescença de uma operação, em que o artista, «ansiosíssimo» por ver «*K4* na máquina», pede ao seu correspondente que lhe envie «as provas do [s]eu Q.º *K4 o quadrado azul*»¹³, mostra sem dúvida «a participação muito próxima de Amadeo na feitura tipográfica do folheto»¹⁴. No entanto, e muito embora as palavras de Almada numa segunda carta a Amadeo, datada de 10 de janeiro de 1917, divulgada pela primeira vez no catálogo da exposição acima referida – «Quanto à disposição geral e aspeto do *K4* tenho fé no Amadeo»¹⁵ –

6 José de Almada Negreiros – *Op. cit.*, p. 23-24.

7 Fernando Cabral Martins – *Op. cit.*

8 Este manuscrito (v. n.º 9 do catálogo) foi mostrado pela primeira vez na exposição *Weltliteratur: Madrid, Paris, Berlin, S. Petersburg, o Mundo!* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008-2009.

9 *Amadeo de Souza-Cardoso: Diálogo de vanguardas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 2006, p. 491.

10 «O quadrado azul». *Jornal de Notícias*, (07.03.1917), p. 2. Sobre o aparecimento desta edição, ver também *O Comércio do Porto*, (11 mar. 1917), p. [2].

11 José de Almada Negreiros – *Litoral*. Lisboa: A. Negreiros, [1916], p. [8].

12 José de Almada Negreiros – *K4 o quadrado azul*. [S.l.: s.n.] (Porto: Typ. Santos) 1917. V. n.º 14 do catálogo.

13 Carta reproduzida in: *Amadeo de Souza-Cardoso fotobiografia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 261.

14 José de Almada Negreiros – *Ficções*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, p. 213. (Obra Literária de José de Almada Negreiros; 2).

15 *Amadeo de Souza-Cardoso: Diálogo de vanguardas*. *Op. cit.*, p. 493.

o manuscrito que hoje aqui se expõe aponta claramente para uma intervenção profunda de Almada no desenho gráfico do seu texto. Note-se também que o sobrescrito localizado no espólio¹⁶ – que terá servido de meio para a circulação do material relativo a uma edição cujos detalhes, devido ao estado de saúde do seu autor, parecem ter sido tratados por carta – marcado pelo cunho plástico de Almada (que o fabricou), lembra já o grafismo da capa de *K4 o quadrado azul*. «[G]esto plástico simultâneo às palavras e à ficção»¹⁷, *K4* integra, sem sombra de dúvidas e *malgré* a colaboração-homenagem de Amadeo (a quem o texto é dedicado), a tradição do *livro* almadiano – objeto impresso ou manuscrito marcado pela mão do poeta e do desenhador.

O estudo do *novo* espólio abre também novos caminhos, mostrando, ainda hoje, um *Almada por contar*.

Quando se publicavam os *Manifestos e conferências*¹⁸ de Almada – a investigação do espólio do artista pertencente aos seus herdeiros estava ainda no início (o projeto *Modernismo online* só viria a concretizar-se anos depois) – foi localizado, e imediatamente inserido no volume, o manuscrito da conferência *Embaixadores desconhecidos*, proferida em Lisboa a 2 de fevereiro de 1933, de que apenas se conhecia notícia na imprensa:

Almada Negreiros recebe-nos no seu quarto de hotel, que não é futurista. Está rodeado de livros, dum manipanço africano e de grandes folhas de papel branco – ele escreve como desenha – com fragmentos da conferência que ontem realizou com o título enigmático e fascinante de *Embaixadores desconhecidos*.¹⁹

Ora, à medida que o trabalho no espólio avançava e que a reunião dos documentos dispersos progredia, tornando-se finalmente visíveis os limites da vasta coleção preservada pela família do escritor-artista, ficou claro que à conferência então publicada faltara uma página, identificada tarde demais. Tratando a presente exposição de mostrar os contornos da investigação, atualmente em curso, centrada no espólio de Almada Negreiros, revela-se, através do seu catálogo, o texto parcialmente inédito de *Embaixadores desconhecidos*²⁰.

Outras são as obras, ignoradas ou nunca editadas, que o livro da exposição divulga.

Publicam-se, graças à localização de datiloscritos assinados, uma entrevista e duas palestras (*Téleon I* e *Téleon e Arte Abstrata II*) proferidas ao microfone da BBC a 18 de junho, a 17 e a 24

16 V. n.º 13 do catálogo.

17 Fernando Cabral Martins – «O disparo dos fotografos». In José de Almada Negreiros – *Op. cit.*, p. 230.

18 José de Almada Negreiros – *Manifestos e conferências*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006. (Obra Literária de José de Almada Negreiros; 5).

19 «Uma dívida que urge pagar. O monumento ao Infante D. Henrique devia ter por base a rosa dos ventos que está em Sagres. Fala Almada Negreiros». *Diário de Lisboa*, (03.02.1933), p. 4.

20 V. p. 161-164 do catálogo.

de novembro de 1950 respetivamente²¹. Ora se destes textos, como no caso de *Embaixadores desconhecidos*, se adivinhava a existência através dos jornais, a descoberta de doze crónicas, inseridas também neste catálogo, foi uma surpresa. Foi graças ao vasto espólio documental de Almada, e particularmente aos recortes de imprensa que o artista guardou, que os dois núcleos de textos, as três crónicas do jornal *A Cidade* (publicadas a 9, 12 e 14 de abril de 1927)²² e as nove crónicas do *Jornal do Comércio e das Colónias* (surgidas a 27 de abril; 17, 24 e 26 de maio; 2, 9, 18, 23 e 30 de junho de 1932)²³ puderam ser reencontradas. Aqui se mostram, tantos anos após a sua primeira (e última) apresentação pública, para que, finalmente, se possam contar outras histórias sobre a vida e a obra de Almada.



[8]



[31]

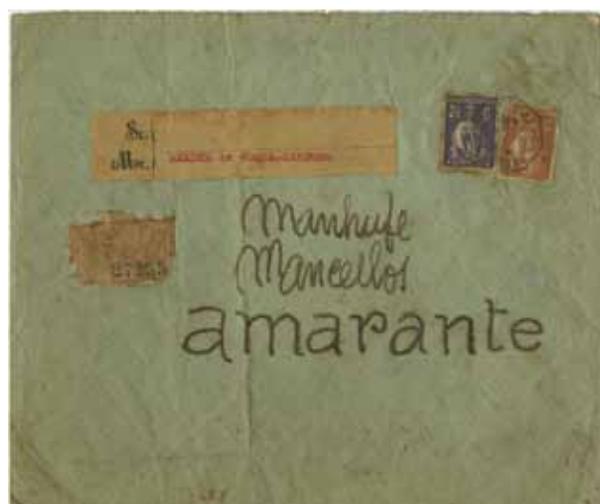
21 V. p. 165-172 do catálogo.

22 V. p. 143-149 do catálogo. Segundo uma entrevista ao *Comércio do Porto* (22.11.27, p. 1-2), localizada por Vasco Rosa que no-la mostrou e que conta publicá-la em breve, Almada terá escrito uma dezena de «cartas» de Sevilha com as suas «impressões em favor da nossa representação» na Exposição Ibero-Americana. As três crónicas do jornal *A Cidade* fazem, assim, parte de um conjunto presumivelmente mais vasto.

23 V. p. 150-160 do catálogo.



[13]



23 copias →

AVULSO 10 reis

20-5-92

O perfume penetrante da sua alva
 raffinez não passava através do kimono
 de crepe da China. O seu ar não era
 de modestia. Tinha era uma maneira
 parada de se existir fora fora, mas
 quem analisasse melhor os seus gestos
 veria que faziam lembrar um boudoir
 que mal lhe descobrisse a vital delicada
 do rosto sem conseguir disfarçar os
 requintes, requintes da sua alva de
 delicias. O velho e sympathico Marquez
 seu pai não a comprehendia e não
 era porque não lhe custasse muito
 callos brancos andar sempre atay
 d'ella pra lhe adivinhar os pensamentos.
 Quando havia visitas ella furcha-se
 logo no seu constante mau-estar, que
 lhe encobria todo o seu fino espirito a
 quem não a conhece (e infelizmente
 ninguém a comprehendia) e o pobre Mar-
 quez tirando com a paciencia o seu
 mouculo de ar de dois, inclinava-se
 sobre um pecho e dizia brando as visi-
 tas pra desculpar e sem que ella o
 furchasse: "é muito crente, costada!" e pu-
 nha de novo o mouculo com um dór
 de pai desolado que não podia remediar
 aquella fatalidade de maneira nenhuma.

[9]

O perfume penetrante da sua alma raffinée não passava através do kimono de crêpe da China. O seu ar não era de modestia tinha era uma maneira parada de se existir pra fóra, mas quem analysásse melhor os seus gestos veria que faziam lembrar um loup que mal lhe encobrisse a oval delicada do rosto sem conseguir disfarçar os requintes exquisitos da sua alma de eleição. O velho e sympathico Marquez seu pae não a comprehendia e não era porque não lhe custásse muitos cabelos brancos andar sempre atraz d'ella pra lhe advinhar os pensamentos. Quando havia visitas ella punha-se logo no seu constante mau-estar que lhe encobria todo o seu fino espirito a quem não a conhecêsse (e infelizmente ninguem a comprehendia) e o pobre Marquez tirando com a paciencia o seu monóculo de aro d'oiro, inclinava-se sobre um joelho e dizia baixo ás visitas prá desculpar e sem que ella o ouvisse: É muito doente, coitada! e punha de nôvo o monóculo com uma dôr de pae desolado que não podia remediar aquella fatalidade de maneira nenhuma. Por outro lado a muito illustre e distincta senhora Marqueza sua mãe, desfazia-se em mimos para ella por todos os cantos; e todas as tardes, quando sua filha ia esparecer pró vasto terraço que dava prós jardins do palacio, vinha a pobre Marqueza passar-lhe a mão plas costas com uma caricia terna que a animásse, mas ella tinha sempre um sorriso imperceptivel nos cantos dos olhos e fugindo-lhe do braço com um tregeito souple, onde não transparecia o minimo enfado, ia fechar-se por dentro no seu quarto pra escrever uma carta ou pra mudar de toilette ou outra qualquer coisa em que tivesse forçosamente de ficar sosinha. Uma noite no bridge, n'este meu habito de levianamente sympathico, emquanto as estrellas, orificios de luz no firmamento, espreitavam atonitas os jardins ás escuras, comecei a fazer intelligentemente a distincção do viver em Londres e do viver em Lisbõa e distanciava com elegancia as minhas razões a conta-las plos dedos bem estimados. Ella voltou pra mim o seu perfil estylisado de nobreza onde transparecia toda a gloria dos brazões de seus antepassados e aprovou-me co'os olhos poisados na cigarreira de prata fõsca reluzente sobre o panno verde da meza do bridge: diz muito bem! E pouco a pouco como dois astros perdidos no infinito e cujas trajectorias, antecipadamente traçadas por Aquelle que tudo rege, forçosamente um dia se hão-de cruzar, assim tambem as nossas duas almas, já por varias vezes o tinha presentido, era inevitavel que mais cêdo ou mais tarde não viessem a encontrar-se face a face. E, ainda bem pra mim, não me enganei!

(continúa)

8

bre o quadrado azul reforçaram-se
em orleões esquinas quando a
minha curiosidade as trepariam
de desejo. As vidros começavam
sempre por manilo de moiras e
alastavam-se convenientemente em
epasmos d'opio exageradamente
daques de Cachimbo. O Vello das
barbas estava emendado ao pé dos
baubis cheios de pó de Taleve sol.

30x65

2 Corp 6 CA
74 Corp 6
241 Corp 8
15 Corp 12 CA
20 Corp 6
210 Corp 6

WINDSOR & NEWTON, LTD.,
LONDON ENGLAND.
BEST COLOUR
BURNT CARMINE.
GAMMA BROWN
SERRAVALLE CARMIN.

J. CHROME FONCÉ

Chrome yellow deep
Chromegelb dunkel

146 Corp 36
CA

42 Corp 10

5 Corp 76 CA

LEFRANC & C^e - PARIS

senst

25 Corp 12 CA
22 Corp 6
70 Corp 8

258 Corp 8

GALERIE BERNHEIM-JEUNE, 15, rue Richemont.

O quadrado azul não era, porém,
assim tão fácil que não fosse e por

minha curiosidade as trespassasse de desejo. As nódoas começavam sempre por mamilos de moiras e alastravam-se concavamente em espasmos d'ópio exageradamente danças de cachimbo. O velho das barbas estava emendado ao pé dos bambús cheios de pó de talco e sol.

30x65

WINDSOR & NEWTON, Ltd.,
LONDON, ENGLAND.
MOIST COLOUR.

BURNT CARMINE.

CARMIN BRULÉ
GEBRANNTER CARMIN.

J. CHROME FONCÉ

Chrome yellow deep

Chromegelb dunkel

LEFRANC & C.^{IE} — PARIS  SÉRIE H

GALERIE BERNHEIM-JEUNE, 15, rue Richepanse.

O quadrado azul não era, porém, assim tão facil que não fôsse e por muitas vezes desmanchado em pertences de machina sem intensão e logo atraídos instantâneamente por um iman luminosamente-sexo que os concertásse em movimento de beleza ambigua doidamente-hélice-toilette. De uma vez, num passeio, o arco-iris foi quadrado até ao fundo dos raios X pra lá do caválo transparente n'uma continuidade cinematografica contornando a apologia feminina sagradamente epilética em ss de cíó todo realce e posse de reflexos. Se eu me detinha a observar o quadrado pla perpendicular do desejo illuminava-se o palco artificialmente léve de triangulo nú em record azuladamente feminino. Os olhos recolheram-se-me pra dentro de um estertor illuminado a escândalo afogueado e rui-vamente doido de artificio. Quando voltei outra vez havia uma carta registada para mim.



↑ EXP

Dentro só estava um quadrado azul. Nem um defeito minimô em qualquer das faces. Apenas a côr caprichava em não se definir e de tal maneira que Eu já duvidava de o ter visto azul. Do quadrado saltou uma espiral de cobre ascendentemente móla ofensiva d'onde se balanceava a mi-

José de ALMADA-NEGREIROS

el uno

Tragedia documental
de la colectividad y el
individuo
MADRID
1931

[53]

Almada por contar

COORDENAÇÃO

Sara Afonso Ferreira
Sílvia Laureano Costa
Simão Palmeirim Costa

CATALOGAÇÃO

Sara Afonso Ferreira
Sílvia Laureano Costa
Simão Palmeirim Costa

Coordenação Técnica

Fátima Lopes

TEXTOS

Ana Maria Freitas
Família Almada Negreiros
Fernando Cabral Martins
Manuela Parreira da Silva
Sara Afonso Ferreira
Sílvia Laureano Costa
Simão Palmeirim Costa

EDIÇÃO

«Textos de Almada por contar»

Fernando Cabral Martins
Luís Manuel Gaspar
Sara Afonso Ferreira

DESIGN

TVM designers

CAPA

José de Almada Negreiros no Hotel Vitória, Lisboa, 1934 [58]

PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printer Portuguesa
Setembro 2013

DEPÓSITO LEGAL 363 841/13

TIRAGEM 1000 exemplares



Biblioteca Nacional de Portugal - Catalogação na Publicação

ALMADA POR CONTAR

Almada por contar / coord. Sara Afonso Ferreira, Sílvia Laureano Costa, Simão Palmeirim Costa ; catalogação Sara Afonso Ferreira, Sílvia Laureano Costa, Simão Palmeirim Costa ; coord. técnica Fátima Lopes ; textos Ana Maria Freitas [et al.]. – Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal : Babel, 2013. – 182 p. – (Catálogos)

ISBN 978-972-565-496-5

- I – FERREIRA, Sara Afonso, 1977-
- II – COSTA, Sílvia Laureano, 1982-
- III – COSTA, Simão Palmeirim, 1984-
- IV – LOPES, Fátima, 1956-
- V – FREITAS, Ana Maria

CDU 012Negreiros, Almada
821.134.3Negreiros, Almada(01)
017.1(469)
061.4

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Museu Coleção Berardo [115, 116]
Biblioteca Nacional de Portugal [3, 6, 7, 10, 15, 16, 30, 32, 33, 34, 41]
Centro de Arte Moderna [20-26, 28, 37, 61]
Projeto *Modernismo online* [1, 2, 4, 5, 8, 9, 11-14, 17-19, 27, 29, 31, 35, 36, 38-40, 42-60, 62-114, 117-121]

AGRADECIMENTOS

Catarina Almada Negreiros; Maria José Almada Negreiros;
Pedro Bidarra; Pierre Stark; Rita Almada Negreiros

Ana Vasconcelos; Anabela Almeida Gonçalves; Carlos Abreu;
Catarina Crespo; Cristina Ferreira; Diogo Fernandes;
Francisca Mendonça; Graça Manta; Helena Borges; João Bicker;
Nicole Oliveira Marques; Rita Lougares; Sílvia Rocio

Exposição organizada no âmbito do projeto *Modernismo online: Arquivo virtual da geração de Orpheu* (IELT – FCSH/UNL), financiado pela FCT e desenvolvido em parceria com os herdeiros de Almada Negreiros, a BNP e o CAM.

Equipa de investigação
Ana Maria Freitas; Fernando Cabral Martins (Coordenador); Luísa Medeiros; Manuela Parreira da Silva; Sara Afonso Ferreira; Sílvia Laureano Costa; Simão Palmeirim Costa.